

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	15200 "
Trimestre ou 13 ".....	7000 "
Avulso.....	00 "

— ANNO I—22 DE MAIO DE 1881—N.º 14 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARIO

**Gravuras:**— As cerejas; Passando junto de uma cruz funeraria; A ratoeira; Um embarque de elephantes.  
**Texto:**— Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; O domingo dos bebés; Dividas do coração, trad. de Passos Valente; Horas de ocio; Rosicler; Sobremeza; Sciencia popularizada, tremores de terra; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro.

ACTUALIDADES

Tenho em cima da meza a obra de Serpa Pinto, dois volumes encantadores, admiravelmente impressos e encadernados em Londres, uns livros elegantes, cheios de optimas gravuras, de excel-

lentes mappas. Faz gosto ver uma obra portugueza impressa assim e editada em Fleet-Street. Parece que retomamos posse do nosso logar antigo, que estamos outra vez n'essa epoca brilhante em que a Europa escutava com avides as revelações dos nossos exploradores, em que se imprimiam em

Anvers, antes do que em Lisboa, as obras de Pedro Nunes. Estavamos já fartos de ver o *Across Africa* e o *Dark Continent*. Parecia que a Africa decididamente se fazia ingleza, ella que se revolta energicamente contra esses exploradores brancos, rosados e frios como um sorvete de leite



AS CEREJAS

e de morango. Este livro é a bandeira portuguesa arvorada *crânemente* no campo das explorações científicas. *Como eu atravessei a Africa*. Entendem lá, senhores inglezes? *Como eu atravessei a Africa*, eu major Serpa Pinto, um rapazote do Collegio Militar, que estava tranquillamente em Faro a fazer rondas e a comer figos, quando me lembrei de dar um passeio através da Africa. E volto lá quando quizerem, fiquem-n'o sabendo tambem, eu Serpa Pinto, que, para descansar, fui agora dar uma passeiata ao Brazil como poderia ir dar um passeio de burro á Cova da Piedade.

Livro interessante a valer. Já lhe devorei os primeiros capitulos, e quasi não tenho tempo de escrever estas *Actualidades*, tal é a pressa que tenho de ir devorar o resto.

Serpa Pinto é para mim uma das figuras mais sympathicas do nosso tempo e do nosso paiz. Tem a resolução, a audacia, a energia, o desembaraço que só podem regenerar este paiz abatido. Ora isto é tanto mais meritorio quanto Serpa Pinto pertence a esta geração desdenhosa, que se limita a encostar-se ás esquinas do Chiado, e a dizer mal da patria. Eu ouvi uma vez um dos rapazes d'essa geração a que alludo, contar rindo ás bandeiras despregadas, uma historia em que figurava um *indigena anemico*, rudemente soccado por um inglez espadaúdo, côrado, rijo, com o peito largo, talhado para a respiração ampla, bem sustentado a *roast-beef* em sangue. Eu, ouvindo a historia, contemplava o meu interlocutor, esperando ver-lhe os musculos desenvolvidos pela gymnastica, e tinha vontade de lhe perguntar se elle, que fallava com tanto desdem no *indigena*, me podia apresentar certidão de ter nascido em Gravesend, e se elle, que zombava tanto da anemia nacional, empregava todos os meios hygienicos recommendados para a reconstituição e fortalecimento do sangue empobrecido. Pareceu-me porém que se limitava a passeiar entre o Chiado e o Martinho o seu desdem indolente, e que, achando-se face a face com o filho da *perfidia Albion*, como diria o sr. Magalhães Lima, não seria mais feliz do que o tal desventurado *indigena*.

Ora, no meio da geração que se assinalava por estas deploraveis tendencias, no meio de uma geração que se limitava a dizer: «Emquanto Stanley atravessa a Africa com o seu bordão de viajante, o seu largo chapéu de palha, o *indigena* faz rhetorica», no meio d'essa geração Serpa Pinto teve a simplicidade de dizer sorrindo: Pois eu vou fazer o que faz Stanley. E elle e mais os seus companheiros Capello e Ivens pegaram em si e foram por essa Africa fora estudar, trabalhar, lutar.

A expedição foi uma surpresa terrivel para o Chiado. O telegramma de Pretoria desnorroteou os desdenhosos. Tambem se o aclamavam oficialmente, em segredo fartavam-se de rir. As coordenadas de Serpa Pinto! Ah! ah! ah! Um *indigena* a levantar coordenadas! Tem graça. Houve quem escrevesse livros para provar que Serpa Pinto ia fazer rir os estrangeiros á nossa custa! que *lá fora* ninguem podia tomar a serio as coordenadas de Serpa Pinto!

Serpa Pinto encolheu os hombros e seguiu para diante. Foi a Londres, aclamaram-n'o. Quiz publicar um livro em portuguez e em inglez; em Londres appareceram-lhe logo editores que lhe pagaram á *ingleza*, que lhe fizeram um livro

delicioso, que pozeram á sua disposição os melhores gravadores e os melhores desenhadores de Inglaterra. Em Paris a empreza do *Tour du monde* apressou-se a inserir na sua collecção magnifica, e dando-lhe o primeiro lugar, a narração da viagem de Serpa Pinto; a Sociedade Real de Londres conferiu-lhe a sua grande medalha de ouro, a que reserva para os grandes exploradores, para os celebres viajantes. Tudo isto para um *indigena*. E' miraculoso!

E aqui está o livro diante de nós, attestando na magnificencia da sua impressão britannica este triumpho portuguez. E é delicioso, confessamol-o, folhear as paginas d'este *Como eu atravessei a Africa*, dividido em duas partes: *A carabina d'el-rei* e a *Familia Coillard*. E' delicioso ler-o, não só porque está bem escripto—Serpa Pinto tem tal força de vontade que se improvisou escriptor como se improvisou explorador e conferenciador —mas porque faz bem ao nosso orgulho ver essas paginas matisadas de nomes portuguezes, como a propria Africa está matisada de exploradores portuguezes, exploradores alguns d'elles inconscientes, todos esquecidos ou despresados, e que entretanto atravessam esses sertões ignotos, derramando em torno de si um esboço de civilização, como um homem que vai com uma lanterna por entre as trevas da noite derrama em torno de si um pequeno circulo de luz—José de Anchieta, o missionario da sciencia, o velho sertanejo Silva Porto, o fazendeiro Santos Reis e o audacioso e desembaraçado Avelino Fernandes, e todos esses filhos de Portugal que levantam bem alto a nossa bandeira, enquanto cá na patria não se ouve a todos os cantos senão esta exclamação desdenhosa:

—O *indigena*! o *indigena*!

PINHEIRO CHAGAS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

AS CEREJAS. — Discute-se muito qual seria o fructo prohibido, o fructo que tentou a nossa mãe Eva, e que perdeu a humanidade. A hypothese da maçã temol-a por abandonada. Só na Normandia, paiz das macieiras, é que se pode acreditar que fosse por causa de uma reles maçã que se perdesse para sempre o Paraiso. Com uma maçã para sobremeza, perdia, enquanto a nós, a serpente diabolica o tempo e o feitio.

Nós estamos convencidos que o fructo prohibido foram simplesmente as cerejas. Bem sabemos que esta supposição torna um pouco difficéis as explicações do Genesis; mas ainda assim temol-a por verdadeira. Ah! diante de uma cerejeira carregada de fructo como o diabo seria eloquente! como lhe seria necessario pouco trabalho para fazer saltar para as cerejas os labios de Eva tão vermelhos como ellas. Demais as cerejas na historia das tentações desempenham um papel importante. Não se lembram das *Confissões* de Rousseau? Não se lembram como o joven suizo trepava á cerejeira e atirava para o regaço de mesdemoiselles Gallet as purpureas cerejas? E o que elle pensava, e o que elle sentia enquanto ellas *croquient à belles dents* o saboroso fructo!

Boas e frescas cerejas! Fructa da primavera que ainda vens de envolta com as flores, pertences a essa trindade vermelha, que forma como que o rosal saboroso dos pomares: a laranja, a cereja, e o morango! Nascestes com as rosas e foste creada para labios rosados. Até na tua disposição

pareces ser uma fructa essencialmente feminina. Os tenues ramusculos que te seguram servem como que de brinco de coral para as orelhas das raparigas que te vão colher.

Pois a cereja, se foi em tempo fructo prohibido, e se deixou ha muito de o ser, nem por isso se tornou menos perigosa. Com os ramos de cerejas podem mãos tremulas, nos brinquedos campestres, adornar as finas e roseas orelhinhas que escutam ao mesmo tempo complacientemente o que os labios murmuram, e quando uns brancos dentinhos se cravam, n'um riso alegre, na polpa vermelha e assucarada do fructo mimosissimo, não podem outros dentes partilhar a refeição? E o fructo é tão pequeno, e o vermelho dos labios confunde-se tanto com o vermelho das cerejas que, sem mau sentido, pode um rapaz innocente procurar uma cereja e colher um beijo mais saboroso ainda.

Feliz o rapaz que lá vem ao longe! Sente-se que é um rapaz que se approxima, ou que são dois talvez.

Denunciam-n'os os risos maliciosos e frescos das duas gentis gulosas. Parecem ellas dizer-lhes: «Chegaram tarde. Nós somos as Gallet, mas vós não creis Rousseau. Já apanhámos da arvore este punhado de cerejas, e não nos vereis de avental estendido á espera dos coraes orvalhados que as vossas mãos sacudiriam da ramaria. Mas as cerejas cá estão e os labios tambem. Quaes são mais vermelhos, quaes são mais appetitosos?»

Felizes os que se approximam! Tudo, tudo ali é primavera, tudo rescende a maio, os labios, os sorrisos, e as cerejas tambem.

PASSANDO JUNTO DE UMA CRUZ FUNERARIA. — Um pequeno drama alli! N'aquelle grupo que passa, ao cair da noite, junto de uma cruz solitaria, sente-se a viveuz e a orphandade. Aquelle homem de cabeça pensativa, que parece fazer esforços sobre-humanos para não deixar correr as lagrimas, é agora o pae d'essas duas crianças que se conchegam a elle, como se reconhecessem que não tem outro abrigo no mundo. E alli jaz a santa e pobre mulher que foi a alegria d'aquelle lar e o conforto de todos aquelles entes que passam agora desolados e tristes. Quando ella vivia não precisava o pobre pae de levar consigo os filhos para o seu trabalho, para a sua lida quotidiana. Deixava-os em casa no regaço da mãe, e era uma alegria para elle o encontrar-os alegres, felizes, radiantes, a correrem ao seu encontro semi-nus, enquanto a mãe sentada o esperava tranquillamente com o seu bom e affavel sorriso. Agora não! a mãe caiu na estrada da vida, fulminou-a um raio, no meio de uma procella, n'esse mesmo sitio onde se levanta agora a cruz que indica o sitio onde o seu cadaver jaz, e elle achou-se, só, desamparado, com os filhos, tendo de amaciá as suas mãos rudes, a sua voz aspera, para os tratar, para os encaminhar, para que elles não sintam que perderam a mãe. E n'essa hora triste, n'essa hora de saudades, ao passar junto do pobre tumulo da sua companheira, todos esses pensamentos lhe tumultuam no espirito, e dão á sua phisionomia essa expressão grave, resignada, profundamente melancolica, enquanto as crianças, que ainda não percebem, sentem vagamente contudo que houve uma desgraça na sua vida.

A RATOEIRA. — Apanhou-a! Era a devastadora da dispensa, a destruidora do queijo. De noite, a

horas mortas, quando tudo dormia em casa, ella, a pobre ratinha branca, saia do seu buracinho no forro, e corria as casas ás escuras, alegre, satisfeita, mordendo aqui ou além um comestível que não ficára ao abrigo dos seus dentinhos terríveis, saltando até nos chinellos com uma abnegação espartana que lhe não levaram em conta.

A velha jurou-lhe pela pelle e armou-lhe a ratoeira.

Um pedaço de toucinho foi a atracção; ella, innocentemente, correu, fechou-se a ratoeira, e eil-a encarcerada, e eil-a nas mãos da velha implacável, que se ri com um riso maldoso, ironico, o riso amargamente desdenhoso com que as gatas velhas contemplam o estouvamento juvenil d'essas ratinhas brancas...

Ó ratas juvenis! *blanches souris!* deixem-me dar-lhes o nome francez que é mil vezes mais proprio do que esse nome prosaico de *ratas*, que mal se pôde applicar a esses animaesinhos brancos e travessos! *ó blanches souris!* acantellae-vos do toucinho! Atraz do toucinho que attrae está sempre uma ratoeira que prende e... o que é peor ainda... uma velha cynica que ri!

UM EMBARQUE DE ELEPHANTES.—Não é este sempre o systema empregado, e, se embarcaram, assim como a gravura representa, n'estas circumstancias, foi por motivos especiaes. Eis o que diz a esse respeito um jornal belga:

«Sabem todos com que generoso ardor o nosso rei Leopoldo II trata da realisação da obra civilisadora da Africa central, emprehendida debaixo dos seus auspicios, e que tem por fim continuar os descobrimentos feitos até agora por audaciosos exploradores.

«Ainda ultimamente, quando se pensou em empregar como transportes elephantes domesticados, que servem como bestas de carga nas Indias, o nosso soberano fez presente á Associação Internacional de quatro magnificos elephantes, comprados em Bombaim, e que se embarcaram n'essa cidade para Zanzibar.

«Este embarque não deixava de offerecer grandes difficuldades, provenientes de serem as bordas dos vapores indios muito altas para que se podesse levar os animaes directamente, por meio de uma ponte, do caes para o barco.

«Para embarcar esses colossos, teve de se recorrer ao guindaste por meio do qual se embarcam os cavallos.

«Para isso, amarrrou-se uma cilha solida á roda do animal, depois ligou-se a cilha com o guindaste por meio de grossos cabos, em seguida deu-se ao machinismo até que o elephante se achasse suspenso por cima da tolda do barco. Então deixou-se descer esse agigantado passageiro para a habitação que lhe era destinada.

«Para conservar o animal socegado, tiveram de estar dois homens escarranchados um no pescoço, outro no dorso, e de fazer assim como elle essa pequena viagem aérea.»

## O DOMINGO DOS BÊBÊS

UMA AVENTURA DE S. PEDRO  
(IMITAÇÃO)

Pouco depois de ser nomeado porteiro do céo, pediu S. Pedro licença ao Senhor para vir á terra visitar uns velhos amigos que tinha por cá.

— Pois sim, diz-lhe o Senhor, tens oito dias de licença.

Já havia passado mais de um mez, quando o porteiro do céo, voltando ao seu emprego, se

apresentou ao bom Deus, envergonhado, e um pouco recesso pela demora.

— Tinhas por lá muitos amigos, homem!

— Desculpae-me, Senhor, mas, graças á vossa infinita bondade, a terra estava tão agradável, tão formosa, que me esqueci completamente do tempo que passava: todos os dias um sol esplendido; as aves e as flôres enchiam o ar de harmonias e de fragrancias; as arvores vergavam com os fructos e as searas maduras ondulavam acariciadas pela brisa, que temperava a atmosfera de suave frescura; o mar espreguiçava-se indolente no seu vasto leito, e acompanhava com o murmuro das ondas o canto dos pescadores; por toda a parte a alegria, a abundancia, a felicidade; um paraíso! Não havia doenças, não se ouviam queixumes, nem orações...

— Muito bem, diz-lhe o bom Deus, que o tinha escutado com attenção, estimo que gostasses do passeio e te divertisses; volta para o teu logar.

Passou-se tempo, e o santo porteiro, cada vez com mais saudades d'aquellas primeiras ferias, que tinha gosado, pediu outra vez ao bom Deus mais oito dias de licença.

— Pois sim, diz-lhe o Senhor, podes-te demorar um mez.

Ao cabo de quatro dias eil-o de volta.

— Quê? Tão cedo? pergunta-lhe o bom Deus.

— Ai Senhor! O que lá vae por baixo! não se pôde lá parar nem um dia. Que miseria, que inferno! Ventanias, trovoadas, tempestades incessantes; as searas destruidas; a peste e a fome disimam as populações. Não se ouvem senão lamentos de dôr, ou imprecções de desespero. As procissões de penitencia são aos centos...

— Ah! tens tu, interrompen o Senhor, ah! tens... podeste desenganar-te, ver com os teus olhos quanto a prosperidade torna os homens ingratos, e como se precisam de ser visitados pelo infortunio para se aproximarem de mim.

## A CANÇÃO DA CAMIZA

Uma mulher está sentada coberta de farrapos; tem as palpebras vermelhas e inchadas, e os dedos cançados e gastos. Com uma pressa febril faz correr a agulha e pucha a linha. Coze! coze! coze! na pobreza, na fome, na lama! E, sem descanço, com voz acre e gemente, canta a canção da camiza.

Coze! coze! coze! quando o gallo canta ao longe, e coze, coze, coze ainda quando as estrellas brillam atravez das fendas do teu tecto. Coze, coze, até que o teu cerebro fluctue na vertigem; e coze, coze até que os teus olhos estejam turvos e ardentes. Coze, pespointa, pespointa, coze até cahires adormecida em cima dos botões, e acabares de os pregar em stonho.

O homem que tens irmãs que amas! O homem que tens esposa e mãe, não gastas roupa branca, não, o que tu gastas são vidas de creaturas humanas! Coze, na pobreza, na fome, na lama! Coze ao mesmo tempo, com dobrada linha, uma camiza e uma mortalha!

Mas para que fallo eu na morte? Esse espectro de ossadas hediondas, não me assusta com a sua aparição terrivel! Parece-se tanto commigo, parece-se tanto commigo, descarnado pelos longos jejuns. Porque é tão caro o pão, o Deus, e tão barato e tão barato o sangue e a carne?

Coze, coze, coze! Pois nunca, nunca poderia acabar a minha tarefa? E quaes são os meus penhoeres? Um leito de palha, um pedaço de pão, e uns farrapos, este tecto entre-aberto, este sobrado humido; uma meza, e uma cadeira despedaçada; e uma parede tão branca, tão nua que agradeço á minha sombra o ir alli ás vezes projectar-se.

Uma hora apenas! só uma hora de descanço!! Trêguas um instante, não para saborear as benditas doçuras do amor e da esperanza, mas para me entregar á minha dôr! Chorar um pouco alliviará tanto o meu coração! mas devo reprimir as lagrimas nos meus olhos inchados; porque cada gota que cae atraza o caminhar da minha agulha e da minha linha.

(Trad.)

THOMAZ HOOD.

D. SABINO DE GOICOECHEA

## DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 103)

Ah! não sabiam, não, nem os soldados nem o official, que aquella mãe se teria talvez considerado muito feliz um momento antes com o chegar a tempo de poder ouvir as ultimas palavras, de poder receber o ultimo suspiro de seu filho.

Hade permitir que eu lhe falle senhor official. Não é verdade que me não recusa este favor? disse a pobre mãe depois d'aquella prece elevada até Deus do mais recondito da sua alma.

— Logo.

— Ainda que não seja senão vel-o.

— Mais tarde. Agora não pôde ser, porque estão a ser julgados.

— A ser julgado! O meu filho!... E porque?

A admiração do official chegou ao seu auge ao ouvir Maria expressar-se com tanta innocencia.

— Tenha paciencia, boa mulher, logo o verá! foi o que apenas lhe poude dizer e entrou de novo na casa do *ayuntamiento*.

Maria ficou absorta, rodeada pelos soldados, sob a impressão de mil duvidas de incertezas que a sua rasão tresvariada não conseguia explicar.

— A ser julgado! murmurava baixinho. A ser julgado! Elle hade dizer que o levaram á força... e por isso não é culpado. Não é verdade, acrescentou em voz alta dirigindo-se aos soldados; não é verdade que o hão de soltar?

E os soldados olhavam para ella callados, julgando-a louca.

Sentou-se Maria por fim, prostrada pela fadiga, no degrau da entrada, repetindo por entre os dentes:

— Não... elle não é culpado.

Não havia ainda cinco minutos que ella se achava ali recolhida na sua dôr, com os cotovellos fincados nos joelhos e as mãos encostadas ao rosto, repassando na imaginação toda a vida de seu filho, desde de que vira a luz do dia, quando de repente ouviu uma voz a seu lado, que dizia:

— Hão de ser todos fuzilados, amanhã ás seis horas da madrugada.

Maria levantou-se, como que movida por uma móla, espraçou a vista em redor de si com assombro e pasmo, sem a fixar em ponto algum, e deu um passo para o interior do edificio, automaticamente sem reparar se quer no que fazia, pois que ali continuava ainda a estar a sentinella, que como da vez primeira a deteve no limiar da porta.

— A quem fuzilam amanhã, rapaz? perguntou ella a um tamborzito que sabia do edificio, e que fóra quem a havia tirado da sua triste meditação.

— Aos prisioneiros; pois a quem haviam de fuzilar senão a elles? foi a resposta do pequeno que deitou a correr, sem se importar com o effeito que a sua resposta havia produzido no animo de Maria.

Pela primeira vez durante aquelle terrivel dia as forças a abandonaram, e teve necessidade de se apoiar á parede do edificio para não cair.

Um copioso suor frio lhe inundou o rosto, e de agitado e incendiado que até então tinha estado pela excitação e pela precipitação com que tinha transposto o caminho onde o campo de batalha até ali, tornou-se pallido, livido, branco como a cal. Duas manchas arroxeadas faziam ainda maio-

Os soldados que mais proximos estavam de Maria correram em seu auxilio, e conduziram-a com toda a sollicitude para uma loja que havia na praça.

Graças aos cuidados e remedios que lhe prodigalisaram, voltou a si a pobre mãe, e com o

momento, tudo quanto lhe havia acontecido n'aquelle dia, e por ultimo ou talvez antes de tudo, a situação em que se achava seu filho.

Fez um esforço, e erguendo-se sobre a má enxerga em que se achava deitada, perguntou á dona da loja :



PASSANDO JUNTO DE UMA CRUZ FUNERARIA

res os seus grandes olhos negros, injectados de sangue. Assomou-lhe aos labios uma espuma ensanguentada; dobraram-se-lhe as pernas, e estendendo os braços para deante, sem dar um grito, sem saltar um queixume, cahiu de bruços sobre o lagedo da porta.

primeiro soluço que soltou, sahiu de envolta o nome do filho.

Logo que conseguiram tranquillisal-a um pouco, e que recuperou parte das forças perdidas com o alimento que lhe fez tomar a dona da loja, repassou pela memoria, perdida até aquelle

— Mora longe d'aqui o general?

— O general já não está na povoação; partiu para Cábrega, respondeu Thereza, que assim se chamava a boa mulher.

— Ainda mais outra desgraça, meu Deus! E é muito longe d'aqui a Cábrega?

— Um quarto de legua, pouco mais ou menos.  
 — N'esse caso vou lá.  
 — Que está para ali a dizer!... se nem se quer se pôde ter em pé.  
 — Eugana-se; pois não vê que já estou com força.

— Quanto me deve!... de que?  
 — Bem sei que lhe não posso pagar os favores que me fez; mas tomei algum alimento, e...  
 — Não fallemos n'isso; o que lhe digo é que não pode ir-se embora.

legua, de noite e por maus caminhos. Ficava no meio da serra.

— Que heide fazer, meu Deus? que heide fazer?  
 E Maria que jé não tinha lagrimas para chorar agitava-se convulsa, levando as mãos á cabeça com desespero.



A RATOEIRA

E para a convencer do que dizia poz-se immediatamente de pé.

— Escusa de se cançar; o que pretende é impossível.

— Vou pôr-me a caminho. Diga-me quanto lhe devo.

— Vou, e já.

E ao dar o primeiro passo, fraquejaram-lhe de novo as pernas, e viu-se obrigada a sentar-se na enxerga.

— Que lhe dizia eu? accudiu Therreza. Está em bom estado, está, para andar um quarto de

A dona da loja a quem os soldados haviam contado a causa do desmaio de Maria, procurava consolal-a por todos os modos.

— Vamos, soegue, dizia-lhe ella; ainda faltam muitas horas, e quem sabe o que poderá succeder d'aqui até lá.

— Não, não ha remedio para meu pobre filho.

Fosse por curiosidade, fosse para a distrahir, Thereza interrompeu-a dizendo:

— Deve ser muito novo o seu filho, porque a senhora...

— E' uma creança, minha amiga, uma creança!

— N'esse caso como está elle nas fileiras inimigas?

— Levaram-m'o, arrebataram-m'o dos braços.

(Continua.)

## HORAS DE OCIO

Tem por fim esta nova secção dar aos nossos leitores umas horas de util e deleitosa occupação. Publicaremos aqui perguntas de todos os generos, historicas, scientificas, de simples curiosidade, e publicaremos as respostas que certamente alguns dos nossos leitores darão a essas perguntas feitas por outros. Este systema, seguido em varios jornaes estrangeiros, pôde dar os mais proficuos resultados. Effectivamente pôde qualquer dos nossos leitores, embrenhado n'um estudo especial, encontrar uma difficuldade que lhe pareça insolvel. Dirige a sua pergunta ao *Jornal do Domingo*. E d'ahi a tempos, de um outro canto de Portugal e dos Algarves ou do Brazil, responde-lhe um outro leitor, que, na ordem especial dos seus estudos e das suas investigações, encontrou a solução da difficuldade que se antolhava insuperavel ao primeiro.

Nós seremos os simples intermediarios d'esta communicacão intellectual entre os nossos leitores, e esta troca de perguntas e de respostas, quando não tenha sempre a vantagem que indicamos na hypothese acima estabelecida, será pelo menos curiosa e muitas vezes util.

Mas a secção das *Horas de Ocio* não deixará de transigir com outros entretenimentos mais frivolos como serão as adivinhações, os problemas, e outros jogos de espirito em cuja decifração o leitor poderá entreter de verão as horas calmosas, á sombra das arvores da quinta ou do jardim, de inverno as horas suaves e conchegadas que se passam ao canto da lareira, ou em torno da meza de serão. Para começarmos, ahí vai uma pergunta no genero que indicamos:

Folheando uma collecção de versos do seculo XVIII, deparou-se-nos o seguinte soneto que não prima de certo pelas bellezas poeticas, mas que excitou vivamente a nossa curiosidade:

É problema que deve disputar-se,  
entre os authores de mais nome e nota,  
se pôde essa mulher de Aljubarrota  
com a de Traz-os-Montes comparar-se.

Aquella tem razão para gabar-se  
de fazer com sua pá tanta derrota;  
esta que deixa c'o a barriga rota  
ao sargento, tambem deve estimar-se.

E esta, a meu ver, melhor juizo tinha,  
pois, vingando o marido seu dilecto,  
fez o que ao seu genio lhe convinha.

Metteu-se-lhe nos cascos o projecto  
de tratar o hespanhol como gallinha,  
e, assim que topou um, pôl-o no espeto.

Saberá dizer-nos algum dos nossos leitores quem foi esta heroína de Traz-os-Montes, que desbancou a padeira de Aljubarrota, que espetou hespanhoes, e que vingou o marido?

## ROSICLER

Com este titulo publicaremos todos os domingos alguns dos mais formosos versos dos nossos grandes poetas, ou dos grandes poetas estrangeiros, traduzidos em verso portuguez. Escolheremos sempre pequeninas composições, de forma que no fim do volume possam os leitores encontrar aqui uma verdadeira enxada ou rosicler de perolas. Foi esse pensamento que dictou o titulo. Começemos, como de razão, pelo mais mimoso dos poetas gregos, Anacreonte, e Anacreonte traduzido por Castilho.

### METAMORPHOSES DE CUBICAR

Fez-se Niobe em pedra, e Philomela em passaro.

Assim

folgaria eu tambem me transformasse Jupiter  
a mim.

Quizera ser o espelho, em que o teu rosto placido  
sorri,  
a tunica feliz, que sempre se está proxima  
de ti,

o banho de crystal que esse teu corpo candido  
contem,  
o aroma de teu uso, e d'onde effluvios magicos  
provem,

depois esse listão, que do teu seio turgido  
faz dois,  
depois... do teu pescoço o rosicler de perolas,  
depois...

Depois, ao ver-te assim, unica e tão sem emulas,  
qual és,  
até quizera ser teu calçado, e pisassem-me  
teus pés.

(Versão de Castilho.)

ANACREONTE.

## SOBREMEZA

O duque de Créqui foi um homem originalissimo do seculo XVII, que levava a polidez aos mais extravagantes requintes. Conta-se d'elle a seguinte anedocta:

Foi uma vez visital-o um embaixador, e, quando saiu, o duque de Créqui teimou em acompanhá-lo até a carruagem. O embaixador resistio; travou-se entre elles uma lueta cortex, até que o embaixador, que não era menos original do que o duque, aproveitou um momento em que Crépi estava mais distrahido, empurrou-o para dentro da sala, e fechou a porta á chave.

Quando porém ia a metter-se na carruagem, encontra o duque á portinhola cumprimentando-o amavelmente. O teimoso do homem saltára da janella abaixo.

No salto desmanchára um dedo, e teve de mandar chamar um cirurgião. Este veio, arranhou-lhe o dedo, e foi-se embora. O duque de Créqui quer acompanhá-lo tambem, o cirurgião resiste, e como o duque teima, o cirurgião puxa a porta para si, o duque procura segurar-a, mas

não pôde, entala-se, desmancha outra vez o dedo, e o cirurgião tem de voltar a concertar-lh'o.

Quando sahiu de novo, não teve a mais leve luca com o duque, e este pôde triumphantemente acompanhá-lo até ao mar.

Isto é que se pôde chamar o heroismo da polidez.

MEPHISTOPHELES.

## SCIENCIA POPULARISADA

### TREMORES DE TERRA

O phenomeno dos tremores de terra consiste nos abalos subitos e violentos, que experimentam algumas partes consideraveis do nosso globo de um modo mais ou menos sensivel.

São mais frequentes nas regiões vulcanicas, e ha-os de duas especies: uns circumscriptos, limitados, outros que se estendem por espaços immensos e com tal velocidade, que o mesmo abalo é sentido simultaneamente em logares que distam mais de mil leguas.

Os tremores de terra são catastrophes ainda mais temiveis e horrorosas, porque se não podem prever, nem evitar. Os phenomenos precursores manifestam-se com tão pouca antecedencia, que não ha tempo de fugir; e ainda que o houvesse, fugir para onde, e em que direcção? D'esses precursores os principaes são os seguintes: forma-se no horizonte um ponto negro, que se estende e cobre o céu; o calor da terra é ás vezes tão excessivo, que os seus vapores, rarefazendo o ar, occasionam um vento impetuoso; outras vezes porém reina em toda a natureza a mais profunda tranquillidade. É um silencio como o do nada. Dir-se-lia que a terra, suspendendo o exercicio de todas as suas facultades, espera com anciedade a decisão da sua sorte.

Quando o tremor deve ser consideravel, é precedido de uma agitação no ar, cujo rumor é semelhante ao de um aguaceiro forte e copioso, cahindo de uma nuvem, que se desata em chuva repentinamente; este rumor parece o effeito de uma vibração no ar, que se agita em sentido contrario. Ao ruido dos ares junta-se o murmurio da terra, cujas cavidades e antros surdos gemem como outros tantos echos.

Os seres animados são accommettidos por uma grande inquietação, um movimento inexplicavel de irritação nervosa, que deve ser attribuido talvez á electricidade desenvolvida pelos vapores metallicos, que o fogo interior produz.

Sahem de suas tocas os reptis que habitam debaixo da terra; os cavallos rincham dando mostras de pavor, e os cães nívam de um modo extraordinario presentindo uma desorganisação geral. Os passaros voam á tóa; de nada lhes servem os remos e o leme, que lhes deu a natureza, para navegarem no fluido dos céos; vão refugiar-se nas casas, bater de encontro ás paredes, ás arvores, aos rochedos, ou porque sejam tomados de algum deliquio, ou porque os vapores da terra lhes paralysem a facultade de dirigir os seus movimentos. Agitam-se as aguas, as fontes deixam de correr, os animaes param e, por instincto natural, afastam muito as pernas para

1 Veja-se o artigo intitulado *Interior e crusta do globo terrestre*, que publicamos no n.º 9.

não cahirem. A estes indícios, os homens fogem de casa, e correm a procurar no meio das praças ou nos campos um asylo contra a queda de seus tectos. Os gritos das creanças, as lamentações das mulheres, as trevas subitas de uma noite inesperada, tudo conspira, tudo se reúne para avolumar as proporções de um flagello, do qual se pode dizer o que diz da guerra o padre Antonio Vieira: «aquella tempestade que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras.»

Ha tremores de terra que duram apenas alguns segundos, e outros que se prolongam por alguns minutos, e que se repetem. Os abalos sentidos nos continentes transmittem-se ao mar, e communicam-se de uma fôrma sensível aos navios, que sulcam a sua superficie.

Procurou-se explicar os tremores de terra pelas perturbações das correntes electricas, que se suppõe existirem a uma pequena profundidade na crusta terrestre; esta explicação porém abrange só uma parte dos phenomenos, que, como já dissemos, estão ligados tão intimamente aos das erupções vulcanicas, que são reputados effeitos da mesma causa, por differente maneira revelados. A differença mais sensível, que ha entre elles, é a existencia de uma cratera permanente nos vulcões, pela qual, ou junto da qual se fazem muitas vezes as erupções.

Ha pouco tempo foi a ilha de Chio victima de um horroroso tremor de terra. Além do terremoto de Lisboa em 1753, os mais funestos dos ultimos tempos são: o que destruiu Lima em 1746, o que arrasou uma parte de Guadalupe em 1843, e, pouco depois, os de Agram e da ilha de Ischia.

## ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 103)

Finalmente, chegou o facultativo. Era, como elles, um deportado — medico interno de um hospital militar de S. Petersburgo, exilado por lançar á circulação brochuras prohibidas.

O moribundo cahira n'uma prostração de mau agouro. A respiração, cada vez mais curta e mais difficil, produzia um ruido semelhante a um assobio abafado.

O medico tomou-lhe o pulso, auscultou o coração, e retirou-se dizendo ao ouvido de Yegor: «Não deita fóra a noite.»

Pelas onze horas, Davidoff sahiu da modorra em que cahira. Yegor levantou-o com uma das mãos e deu-lhe uma gota de aguardente dizendo-lhe:

— Pae, beba, que lhe faz bem...

O velho bebeu docilmente, como uma creança.

As suas mãos, que sahiram de debaixo da roupa, começaram a procurar alguma cousa no ar. Encontrou a mão de Yegor, tomou-a na sua, e disse em voz baixa:

— Nadege, a tua mão. Recebendo-a, collocou-a na do manco e accrescentou: Yegor, confio-te Nadege... serve-lhe de pae... de protector... Jura-me que não has de abandonal-a...

— Juro! exclamou Yegor com voz entrecortada de lagrimas.

— Casas com ella? perguntou.

— Caso, respondeu Yegor.

— Ah! minha filha; posso agora morrer socegado.

Cahiu com grande pezo no travesseiro, como se este ultimo esforço o tivesse morto.

Nadege deu um grito dilacerante, e lançou-se sobre o pae para no ultimo beijo receber-lhe o derradeiro suspiro. Abraçava-o chamando-o pelos nomes mais ternos e mais doces, sorria-lhe por entre o pranto, como se elle podesse vel-a. Estava morto. Mas a expressão do rosto respirava tão meiga serenidade que parecia dormir consolado.

O exilado acabara de soffrer.

## V

Pelo vacuo que em torno d'ella deixara a morte de seu pae, Nadege comprehendeu de quanta utilidade lhe poderia servir o pequeno Ladislau. A creança esforçava-se por arrancal-a á sua profunda afflicção; buscava auxilia-a em mil cousas difficeis da vida do exilio. Os cuidados de que o rapazito carecia proporcionavam á filha de Davidoff uma agradável distração.

Graças á confiança que n'elle depositava Nadeieff, Yegor Semenoff ponde estabelecer-se no casal em que habitavam Nadege e Ladislau. Foi morar em casa de exilados politicos, tratados com grande severidade. A cabana, que elles occupavam, era fronteira áquella em que Davidoff passara os ultimos annos de vida.

Todos os momentos que não reclamava o seu emprego junto do concessionario das minas, Yegor consagrava á sua noiva, muitas vezes acompanhada tambem pelas mulheres e filhas dos proscriptos, seus vizinhos.

— Que fui eu prometter ao pae de Nadege! dizia elle frequentemente.

Nenhum deportado na Siberia pôde casar sem licença do czar. Antigamente os filhos de taes matrimonios eram escravos da coroa. Se ao condemnado era concedido o indulto, se lhe podia aproveitar uma amnistia, os filhos permaneciam na mesma condição. O ukase de 1861, relativo á abolição da escravatura, modificou em parte esta deploravel particularidade da vida dos degredados. Apesar d'isso poderia Yegor desempenhar-se dentro de um curto praso do compromisso que tomara junto do leito de Davidoff?

O futuro enchia-o de terror.

— Quereres tu, resolveu-se ella a dizer a Nadege, addiar a nossa união até que podesse ser abençoada em uma terra livre?

— Da melhor vontade, respondeu ella ciorando. E tu esperas recuperar a liberdade?

— Espero... fugindo... a minha liberdade e a tua.

— Ordena e seguir-te-hei, disse a corajosa filha de Davidoff.

Yegor sentiu-se mais forte. Confessou á noiva, que ao pisar o solo da Siberia já pensava no meio de escapar ao odioso castigo que o esperava. Se desejava ser livre, quando a suppunha morta para elle, que esforços não envidaria agora para ser digno da sua Nadege? Não queria que ella fosse mulher de um forçado...

Desde então Yegor principiou a estudar as eventualidades que poderiam offerecer os diversos meios de evasão. Interrogou habilmente os caçadores e negociantes que encontrava nas lojas de

chá do baazar, dirigindo-se principalmente a homens, que tinham ido ás fronteiras da China, outros ao Kamstchatka ou ao paiz dos Tchuktchas, — pois não lhe era possível caminhar para o occidente nem para o noroeste.

A fronteira chegava quasi ás portas da capital da provincia. A cidade de Kiakhta fica a tres ou quatro dias de carruagem, no inverno, e ahí começa a China. Mas Yegor podia expôr a delicada Nadege e o pequeno Ladislau aos perigos da travessia das horribes solidões do deserto de Gobi? Cabir nas mãos das auctoridades chinezas era para elles a perspectiva de cruezs repressões e, finalmente, da extradição. Pensou que seria menos perigoso ir ter ao mar de Okhotsk, isto é, ao oceano Pacifico, seguindo as margens do lago Baikal, costeando as muralhas dos Yablonoi, para descer depois o Lena até á embocadura do Aldan, subir o rio até á nascente, e, por ultimo, atravessar os montes Stanavoi. Chegados a Uds-koi, nas margens do mar de Okhotsk, esperariam um navio que trouxesse pavilhão francez, inglez ou americano.

Assentou n'este ultimo plano.

De noite, quando Ladislau dormia, os dois noivos conversavam em voz baixa acerca dos seus projectos e do seu futuro. Yegor mostrava a Nadege n'um mappa, desenhado por elle, o itinerario adoptado; explicava-lhe os obstaculos que tinham de vencer; e longe de fazer qualquer objecção, ella respondia a tudo:

— Estou prompta a seguir-te.

De repente um inesperado acontecimento desfez as suas esperanças.

Uma noite, Nadege viu chegar o noivo com o rosto transtornado.

— Está tudo perdido! exclamou elle á entrada.

— Descobriram os nossos projectos? perguntou a rapariga.

— Não, mas um contratempo reduziu-os a nada, respondeu Yegor deixando-se cahir acabrunhado n'um banco que havia junto da parede de pinho.

— É talvez exaggeração tua... retorquiu Nadege.

— Vaes ver. O governador de Yakutsk chegou esta manhã. Veiu visitar o seu collega da Siberia oriental... e teve occasião de conversar comigo no escriptorio de Nadeieff. Não sei o que fiz para elle formar tão alto juizo da minha capacidade. Depois de se retirar, disse-me Nadeieff que o homem, encantado com a minha intelligencia e variada illustração lhe pedira que me mandasse para junto d'elle...

— E Nadeieff?

— Não ousou dizer que não a tão illustre personagem, ainda que sinta muito, segundo diz, perder o seu secretario. E' porque já está redigida a memoria para o czar. Ninguém pede o meu consentimento, já se vê; mudo de proprietario porque assim o determinaram.

— E' preciso ver se ganhas tempo, observou Nadege, fallar da licença para casarmos...

— Já o fiz; mas debalde; tive de limitar-me a pedir o favor de levar-te comigo, e bem assim a Ladislau.

— Mas que dirá o governador? Não poderiamos obter que fosse a nosso favor? pedir-lhe que te conservasse junto d'elle, visto que é teu amigo?

— O general K..., replicou Yegor, deu immediatamente a sua plena approvação.

Era um golpe terrivel, mas que se não podia

evitar. Os noivos encarregaram um de seus novos amigos de vender a pequena casa de Davidoff e alguns moveis difficéis de transportar.

Passados alguns dias puzeram-se a caminho, na comitiva do governador de Yakutsk, sem esquecer Wab — um bello cão originario das montanhas do Himalaya, que tinha o nome da sua raça, e que fôra dado a Yegor pouco depois de ter chegado a Irkutsk. Tratava-se de percorrer mais de seiscentas leguas n'uma estação rigorosa parte em carruagens, parte em «povosok»<sup>1</sup>, no Lena, que já arrastava na corrente os primeiros pedaços de gelo; n'aquella epoca do anno a noite principiava ás tres horas da tarde, e a viagem devia durar mais de um mez.

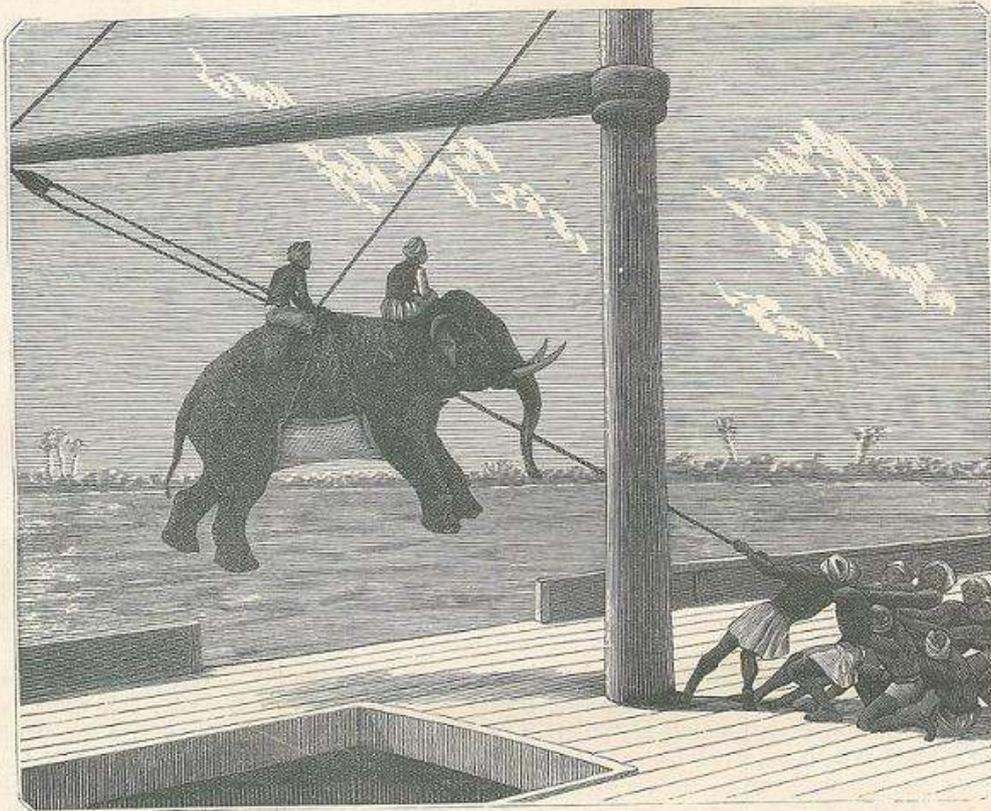
Finalmente, depois de muitos dias o alto funcionario chegou a Yakutsk, acompanhado pelos que elle já chamava «seu protegidos».

— com seiva fresca de betula, além do commercio de pelles, vidros e chá.

Para não tirar ao sr. Lafleur o que de direito lhe pertence, diremos ainda, que elle, como antigo hervanario e bastante versado em sciencias naturaes, reunia os elementos de uma collecção de plantas fósseis e mineraes, que se propunha offerecer á cidade de Chateau-Thierry «berço da sua familia» como elle dizia com certa emphase, onde em outras epocas ia passar as suas ferias, e onde ambicionava acabar os seus dias no goso de uma independencia e da consideração publica — graças aos rublos ajuntados em um paiz longinquo e á fama que lhe conquistaria aquella collecção, unica no seu genero.

— Olá! exclamou elle vendo Yegor, então aquelle inferno da mina... foi um simples purgatorio para o meu amigo! Agora está n'um pa-

o meu amigo uma optima idea, vindo para aqui. Posso gabar-me de estar nas boas graças da mulher do general — uma senhora alta, magra, que me trata por tu, para quem mando fazer chapéos parisienses, que são mesmo um amor, e para cujas soirées, a que vão os indigenas, forneço champagne da minha fabrica. Faz espuma que é um gosto! Ha duas raparigas, que aformoseam com a sua presença estas inhóspitas regiões. Ha de vel-as. A mais velha, Agrafena, é voluntariosa, resoluta, de compleição vigorosa, de uma belleza um tanto viril; a — segunda eu trato-a por miss Helena, — agrada-me mais. E' uma verdadeira inglezinha de dezoito annos, muito languida, mas muito golosa!... encantadora. Governam ambas despoticamente o governador. Mas a proposito, ou antes sem o minimo proposito, porque passo da formosura para a mais repellente fealdade: o «vor»



UM EMBARQUE DE ELEPHANTES

N'esta cidade perfeitamente oriental, em que Yegor julgava que não encontraria cara nenhuma conhecida, a primeira pessoa que viu, foi Lafleur; Lafleur, o mestre de dança, com o peito sempre arqueado pela rebeça; Lafleur, fresco e rosado como o seu nome, sempre risonho, sempre amavel, sempre aos pulinhos, como um verdadeiro mestre de dança.

Vivia em Yakutsk como na sua patria. Levava para lá a mulher, tambem parisiense, que fez chapéos para as senhoras yakutes até succumbir a uma phthisia. A loja, porém, conservava-se aberta sob a direcção intermitente do sr. Lafleur.

Este homem tão encyclopedico como cosmopolita, juntava á arte hieratica da dança, e ao seu talento de modista de chapéos, a industria de fabricante de champagne, — que espumava e fervia

raizo, rodcado de anjos, acerescentou ainda, comprimentando amavelmente Nadège, e batendo nas bochechas do Ladislau.

— E' como diz, sr. Lafleur! respondeu Yegor, apertando-lhe as mãos com força.

O sr. Lafleur com um enthusiasmo todo francez e com a velha cortezia que o caracterizava, poz-se immediatamente á disposição dos viajantes. O jovial parisiense mostrava-se contentissimo por ver melhorada a sorte d'aquelle rapaz, cuja physionomia lhe fôra tão sympathica quando o viu pela primeira vez sob o capote de forçado. Interessou-se vivamente pela filha de Davidoff, logo que teve conhecimento da sua dedicacão, e tornou-se grande amigo do pequeno polaco.

— Estou empregado na chancellaria do governo, disse-lhe Yegor, agradecendo-lhe os offerecimentos. Aceito os seus serviços com a esperanca de poder ainda um dia ser-lhe util.

— Pois então! — exclamou o sr. Lafleur — teve

evadido... que vimos em Ukhul...

— Sim, disse Yegor, o desgraçado, que me deu occasião de conhecer a bondade do sr. Lafleur... E então?

— Então! Fugiu aos policias que o conduziam para a fortaleza de Akatuia. Internou-se nos bosques... e d'esta vez não houve maneira de o apanhar.

— Pobre diabo! exclamou o deportado, talvez morresse de miseria...

— Tudo é melhor dô que a tal fortaleza, concluiu o mestre de dança. Tudo.

Trad.

(Continua.)

<sup>1</sup> Grande embarcação sem quilha.